

REVISTA **diário**

DIÁRIO
 de Notícias

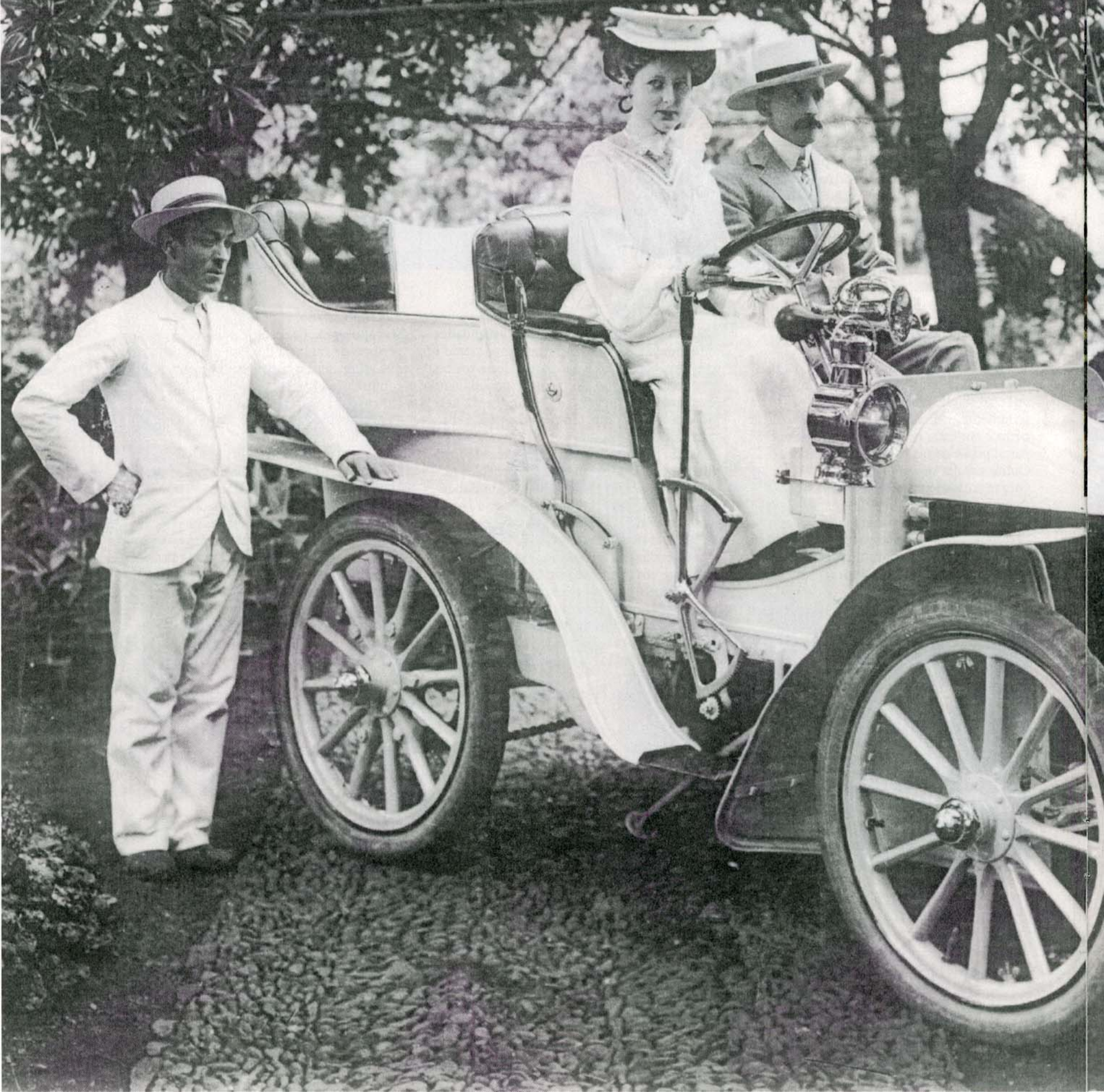
DE 27 DE JUNHO A 3 DE JULHO DE 2004



O carro do sr. Foster

FACTOS

O carro



do inglês

No dia 21 de Janeiro de 1904, o britânico **Harvey Foster trouxe o primeiro automóvel ao Funchal.** No ano do centenário, falámos com os netos deste pioneiro e descobrimos os pormenores do acontecimento histórico.



Texto: Natércia Gouveia
Fotos: Manuel Nicolau/Museu Vicentes

O progresso chegou ao Funchal a 21 de Janeiro de 1904, com o desembarque no Funchal de um Wolseley de 10 cavalos, o primeiro carro a percorrer as arcaicas estradas da capital madeirense. Foi a persistência e excentricidade do milionário britânico Harvey Foster que abriu caminho para o aparecimento dos primeiros automóveis na Região, em 1907.

Amplamente divulgada na imprensa local e estrangeira, é hoje possível dar testemunho desta experiência de Harvey Foster socorrendo-nos de um artigo escrito pelo próprio e publicado na "Motoring Illustrated", em Dezembro de 1904, e na edição da "The Car", em Dezembro do

mesmo ano.

A entrada triunfal do automóvel no Funchal, as dificuldades burocráticas, o drama das estradas intransitáveis e a cerimoniosa autorização assinada pelo Rei de Portugal destacam-se neste relato. Tudo começou com a decisão de passar os seis meses de Inverno de 1904 em férias na ilha da Madeira, na companhia da mulher e de uma filha pequena. «Pensei imediatamente nos carros que teria de deixar para trás, mas um amigo sugeriu-me que trouxesse um comigo».

O conhecimento das «más estradas e inclinações terríveis» – como o próprio escreve – causaram alguma hesitação. Mas, segundo o que se pode ler no artigo, a decisão seguiu avante. «Cheguei à

As notícias do DIÁRIO

Desde a sua chegada em Janeiro de 1904, o carro de 10 cavalos de Harvey Foster causou sensação. Eis as informações publicadas no DIÁRIO de Notícias do Funchal.

«Chegou ontem de Liverpool, a bordo do vapor inglês Dahoney duas caixas contendo um automóvel para Mr. Foster, nosso hóspede que reside no Reid's.» (22 de Janeiro de 1904)

«(...) Ontem à tarde, este bello vehiculo percorreu as principais ruas e largos d'esta cidade, despertando grande curiosidade.

Conduzia Mr. Foster e o chauffeur. O seu motor é a gazolina. (...) A passagem nos pontos de maior concorrência é anunciado por meio de um apito, que se ouve a grande distância. Subiu sem nenhum custo, várias ladeiras. É um meio de transporte rápido, cómodo, elegante e agradabilissimo.» (23 de Janeiro de 1904)

«Mr. Foster, que veio iniciar um progresso no Funchal (...) tem encontrado dificuldades para obter a licença administrativa que lhe foi exigida para poder continuar nos seus passeios (...) é preciso apresentar a licença da pericia do chauffeur (...) Com respeito à inspecção técnica, parece-nos que este serviço pode ser desempenhado facilmente por quem deve fazê-lo (...)» (26 de Janeiro de 1904)

«O sr. engenheiro civil, director interino das Obras Públicas, Annibal Augusto Trigo, foi ontem inspeccionar o vehiculo (...) no sentido de poder ser concedida a licença (...) foi do Reid's à vila de Câmara de Lobos, voltando ao ponto de partida em 19 minutos.» (28 de Janeiro de 1904)

conclusão que se escolhesse um Wolseley de 10 cavalos ele conseguiria subir qualquer coisa».

Inicialmente, a empresa produtora do automóvel – Wolseley Works – desaconselhou fortemente tal ideia, uma vez que consideravam impossível trazer um carro para uma ilha sem estradas preparadas para a condução. Contra todas as opiniões, Harvey Foster mandou construir propositadamente o carro que pretendia, que foi depois enviado para o Funchal.

Outro problema era a gasolina que não era possível obter na ilha. O combustível acabou por ser enviado por uma empresa naval de Lisboa, a única que, através de um pedido especial à alfândega, foi autorizada a transportar a gasolina através do Atlântico.

Ultrapassadas essas dificuldades burocráticas, o automóvel chega a 21 de Janeiro de 1904. Segundo Harvey Foster, as formalidades do desembarque no Funchal foram tratadas por «Mr Alfred Reid».

Uma entrada triunfal

Naquela manhã, conta Harvey Foster, «metade da população local estava à espera para ver o "navio de terra", termo como era conhecido o invasor de 10 cavalos». Na altura, «conduzi através da cidade e subi e desci na zona da pontinha duas ou três vezes (...) cheguei depois ao Hotel Reid's muito satisfeito com o carro e o seu desempenho».

Três dias depois, Foster recebe uma notificação do governador da ilha, que informava que o carro não poderia voltar a ser utilizado sem a prova da segurança do veículo e da competência do seu condutor, para não colocar em perigo «nem a população nem a constituição», dizia a missiva.

Estes entraves foram sempre acompanhados e divulgados pelo DIÁRIO de Notícias, cujos artigos estão reproduzidos nestas páginas.

De novo com a ajuda de Mr. Reid, o problema foi solucionado. Dias depois, dois homens, que conforme ironiza Harvey Foster, «nunca tinham visto um carro», vieram examinar o veículo para assegurar «que não era uma máquina infernal», refere o britânico.

Depois de um percurso até à vila de Câmara de Lobos, na única estrada com boas condições para um passeio do género, a autorização foi concedida.

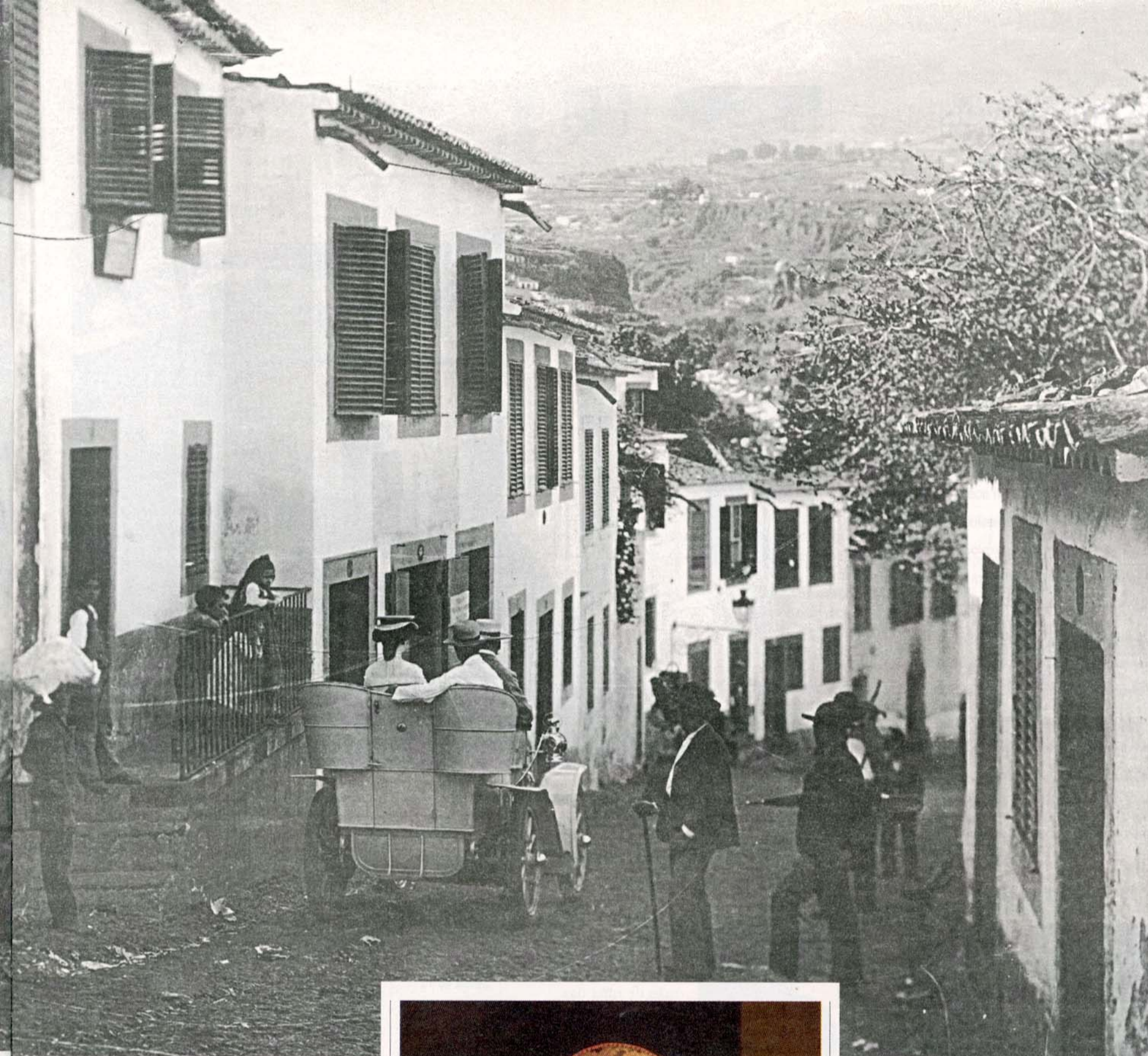


Os descendentes de Harvey Foster não fazem ideia do que poderá ter acontecido ao Wolseley de 10 cavalos (...)

Um mês depois são recebidos os documentos, entre os quais se encontrava uma permissão especial assinada pelo Rei de Portugal, com um passaporte para a mulher e a filha de Harvey Foster. Durante os meses que se seguiram, antes do regresso ao Reino Unido, o milionário britânico apaixonado por automóveis

calcorreou a ilha de lés a lés, deixando nos madeirenses o desejo de explorar aquela nova maravilha da técnica. Em 1907, surgem notícias que dão conta do regresso dos automóveis à cidade do Funchal. Desta vez, foi a "Empreza Madeirense de Automóveis" que saiu à rua com um carro destinado ao transporte de passageiros dentro do Funchal e arredores. Os documentos históricos determinam o dia 28 de Novembro como





a data em que foi atribuída a licença do Governo Civil para a deslocação deste veículo.

A ideia em expansão nos países ricos conquistou os empresários madeirenses e aos poucos vão desaparecendo as obsoletas carruagens. A introdução do novo meio de transporte marca o início da era dos automóveis.

100 anos depois

Cem anos depois da passagem de Harvey Foster na Região, os netos do pioneiro britânico deslocaram-se propositadamente ao Funchal, munidos de uma fotografia da época, em busca da história da família. Encontrámo-los no Museu Vicentes, onde estiveram por iniciativa própria, guiados pelo carimbo desta casa de fotografia que mantinha-se inalterado numa das fotografias antigas do avô.

Michael, um dos netos de Harvey Foster, conta que o avô sempre esteve ligado aos automóveis. «Era muito rico, e no início do século XX comprou uma série de automóveis. Em 1903, chegou a participar



numa corrida em Paris». Talvez por isso, «tentou trazer um carro para a Madeira, porque ele adorava a emoção de conduzir».

Os descendentes de Harvey Foster não fazem ideia do que poderá ter acontecido ao Wolseley de 10 cavalos, que depois regressou ao Reino Unido.

Michael, o mais interessado nesta busca de informações, tem muita documentação sobre a visita do avô à Madeira. Contudo, as informações sobre o carro, além dos relatos de Harvey Foster, são escassas. Diz-nos o neto que, pelo que se sabe, «o carro foi feito em Inglaterra pela Wolseley, uma companhia cujo construtor se estabeleceu depois por conta própria e começou a fabricar os Aston Martin».

Depois do automóvel passar pela Madeira, «provavelmente terá sido desmantelado». Conscientes da importância deste marco histórico, os netos de Harvey Foster, Michael, Jane e Mona não quiseram deixar passar o aniversário dos cem anos do primeiro carro na Região.

«Viemos cá há três anos, no mês de

Automóveis regressam em 1907

«Procedeu-se ontem à experiência do automóvel com lugares para seis pessoas que chegou ante-hontem de Lisboa, no vapor Insulano.» (DIÁRIO de Notícias, 25 de Novembro de 1907)

«A convite do sr. Francisco Bento de Gouveia, demos ontem um passeio, que nos foi muito agradável, no carro da Empreza Madeirense de Automóveis, percorrendo diversas ruas do Funchal. (...) Este meio de condução é magnífico levando grande vantagem aos já introduzidos entre nós. (...) Deve ser hoje passado no governo civil o alvará de licença para a exploração do automóvel a que acima nos referimos, que se destina ao transporte de passageiros para diferentes pontos da cidade.» (idem, 28 de Novembro de 1907)

«Tendo sido passado o alvará de licença (...) principiou ontem mesmo aquele belo veiculo a funcionar, tendo sempre (...) os lugares preenchidos.» (idem, 29 de Novembro de 1907)

«O automóvel (...) fez ontem seis viagens a Câmara de Lobos, sendo muito apreciado. Consta-nos que o sr. José de Sousa substituirá as suas carruagens por automóveis e a Empreza Madeirense de Automóveis espera mais quatro carros.» (30 de



Janeiro com a ideia de celebrar o centenário da vinda à Madeira do nosso avô. Mas o Museu Vicentes estava fechado. Decidimos voltar agora e, felizmente, encontramos todas estas imagens e recordações».

Naquela manhã, conta Harvey Foster, «metade da população local estava à espera para ver o "navio de terra", termo como era conhecido o invasor de 10 cavalos».

aquelas fotos de há quase cem anos. Das histórias que sabia, deixou um pormenor engraçado. Todas as imagens no arquivo dos Vicentes têm sempre um homem junto ao carro, responsável pela sua guarda e manutenção. Segundo contou, Harvey Foster nunca deixou que o protector do automóvel se afastasse durante a captação de imagens. Dizia o britânico «que se quiserem tirar fotografias ao carro, terá de ser com todas as peças incluídas. E este homem é uma peça fundamental do automóvel».

ngouveia@dnoticias.pt

É engraçado ver que numa das fotografias está a bebé do casal Foster, Mona Mary, a mãe de uma das descendentes que esteve no Funchal, que tem o mesmo nome da criança da foto. A Mona (neta) com quem falámos, tem agora 65 anos. Visivelmente emocionada ao encontrar tantas recordações do avô, e extremamente agradecida à direcção do Museu Vicentes pelo apoio cedido na pesquisa, deixou uma

promessa. Oferecer ao museu o vestido que a mãe usava naquelas fotografias de 1904. Michael, por seu lado, comprometeu-se a enviar a máquina fotográfica que o avô utilizou naquela viagem à Madeira do início do século. No final deste encontro de memórias, uma nota a realçar. A chegada ao núcleo museológico de Jorge Bettencourt Gomes da Silva, o descendente dos Vicentes agora com 95 anos.

Com uma memória excelente, falou aos netos de Harvey Foster presentes no local e contou-lhes como tinham sido tiradas

Novembro de 1907)

«(...) O automóvel desceu ontem de novo o caminho do Acciaioly com diversas pessoas. Parou, com a maior promptidão, onde a rampa é mais íngreme e deu a volta para a rua Bella de S Theago com toda a precisão. Parece que o que concorreu principalmente para o desastre do último domingo foi a circunstancia de se achar muito molhado das chuvas o caminho (...)» (idem, 9 de Dezembro de 1907)

